

## Apresentação

**Marcus De Martini**

Universidade Federal de Santa Maria

**Leni Ribeiro Leite**

University of Kentucky

Apesar de os estudos dedicados à estreita relação entre retórica e poesia virem, aos poucos, ocupando maior espaço na academia, tanto no exterior, como também no Brasil, o número de publicações, seja de livros, seja de dossiês temáticos em periódicos acadêmicos, a respeito deste tema ainda é pequeno, sobretudo em face do volume de publicações relativas à área de estudos literários como um todo. Do mesmo modo, seja por que viés teórico for, o estudo das letras anteriores à modernidade sofrem do mesmo relativo abandono. Por isso, com o intuito de fomentar os estudos poético-retóricos, como também de dar espaço às letras, sobretudo luso-brasileiras, anteriores ao Romantismo, dedicamos este número da Revista Letras às poéticas e retóricas dos séculos XVI a XVIII.

Encontram-se, neste número, trabalhos que, em geral, propõem, como afirma o crítico literário brasileiro João Adolfo Hansen, uma reconstrução “arqueológica” das práticas letradas compreendidas entre os séculos XVI e XVIII. Temos aqui artigos que versam sobre alguns gêneros praticados durante o período, as preceptivas e a tratadística, bem como propõem a aplicação desses princípios a obras em particular. Assim, há artigos sobre poesia lírica, épica, dramática; sobre a escrita da história; sobre a epistolografia; como também sobre questões poético-retóricas específicas. São textos que vão dos cronistas portugueses de fins do XV e início do XVI, até Teodoro de Almeida, já em fins do XVIII; de Camões a Gonzaga, passando por Gregório de Matos, dentre outros; que vão de Shakespeare a Milton; de Cervantes a Lope de Vega; enfim, dos chamados “clássicos”, miudamente estudados há tantos anos, mas também pelos desconhecidos poetas que escreviam sobre a caça do javali, perdidos em manuscritos pouco consultados.

\*

A revista é composta por dezesseis artigos, que estão organizados por gêneros e por proximidade geográfica. Tendo isso em vista, a coletânea inicia com o gênero histórico, seguido pela epistolografia, até adentrarmos nos gêneros poéticos, da épica à lírica. Desse

modo, o leitor encontrará com mais facilidade ensaios que possam apresentar familiaridade de assunto e/ou de proveniência dos autores, possibilitando, portanto, que selecione os que porventura lhe despertarem maior interesse.

Assim, o dossiê abre com o artigo *Retratos dos três primeiros infantes da Inclita Geração, segundo Zurara e Rui de Pina (séculos XV-XVI)*, no qual Jerry Santos Guimarães analisa como os dois cronistas portugueses ofereceram “retratos vívidos e verossímeis de D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique” por meio do emprego de “tópicas prosopográficas e etopeicas”, que devem ser compreendidas, segundo o autor, retoricamente e não “realisticamente”, no sentido moderno, sob risco de se incorrer em anacronismos. Assim, já desde o primeiro texto adentramos em uma questão fulcral que separa as abordagens representadas neste dossiê de outras: a preocupação com a leitura não-anacrônica, porque sustentada pelas práticas e representações letradas coetâneas às obras estudadas.

Já sobre a América Portuguesa, temos *Nem maiores, nem menores. Do tamanho do império: representações discursivas alegóricas de Sebastião da Rocha Pita*, de Eduardo Sinkevisque. No entanto, apesar de mais conhecido por sua **História da América Portuguesa**, não é uma discussão sobre o gênero histórico em Sebastião da Rocha Pita e/ou em seu século XVIII o que o autor do ensaio nos traz. Em vez disso, Sinkevisque apresenta de forma convincente a noção de que haveria um procedimento discursivo pelo qual Rocha Pita representaria, alegoricamente, o tamanho do Império, proporcionalmente, por meio das figuras históricas por ele elogiadas em seus escritos. Não apenas na **História**, essa operação, segundo o autor do ensaio, seria recorrente em vários, se não em todos, os gêneros trabalhados por Rocha Pita, como no *Breve compêndio e narração do fúnebre espetáculo (...)*, no *Sumário da vida e morte da exma. senhora D. Leonor Josefa de Vilhena (...)*, na *Oração do Acadêmico Vago Sebastião da Rocha Pita (...)* e no seu *Tratado Político*.

Para finalizar a primeira parte do dossiê, temos *Teodoro de Almeida e a “história” do terremoto de 1755*, artigo no qual Cleber Vinicius do Amaral Felipe aborda o poema **Lisboa Destruída** (1803), escrito pelo oratoriano português cujo nome encabeça o título do ensaio. Conforme explica Felipe, tendo como matéria o terremoto de 1755 em Lisboa, o poema configura-se como uma epopeia. No entanto, conforme o autor procura demonstrar, a imprecisão coetânea dos limites entre epopeia e história permite que Almeida acione diversos *topoi* da historiografia do tempo, ainda caracterizada pela noção de *historia magistra vitrae*. Estas, juntamente às convenções poético-retóricas do tempo, como bem analisa o autor do ensaio, garantem com que o poeta assegure não apenas a verossimilhança do seu relato, mas também a sua utilidade, a ponto de chamá-lo de “história”.

Ainda no diálogo transatlântico, mas deixando o gênero histórico, Ana Lúcia Machado de Oliveira enriquece o dossiê com o gênero epistolográfico, em *Uma conversa entre ausentes: a epistolografia de Antônio Vieira e a tradição retórica da ars dictaminis*, em que propõe uma leitura não-subjetivada de um gênero de escrita em que frequentemente se busca o que há de mais pessoal no sujeito. No entanto, em sua análise da correspondência de Vieira, a autora defende que, através da prática epistolar regrada por preceitos derivados das *artes dictaminis*

medievais, o que lemos nas cartas de Vieira é um retrato público meticulosamente construído, e não uma expressão pessoal e subjetivada do homem empírico.

Lavínia Silveiras nos traz ao mundo da ficção, com *Entra la discreción y la locura: una breve análise da categoria histórica da discrição em **Don Quixote de la Mancha***. Mas, como sabemos, isso não significa abandonar as categorias retórico-poéticas: Lavínia Silveiras se debruça sobre uma obra tão famosa como o **Quixote**, mas busca analisá-la de forma não anacrônica, ao considerar os conceitos retórico-poéticos que regiam o fazer letrado de então. A partir do conceito de discrição, conforme exposto por Baltazar Gracián, Silveiras descreve como a loucura de Quixote, que se desenvolve em um fidalgo e portanto aquele que deve ser discreto, é o que cria o paradoxo da obra, a ser apreciado pelos seus primeiros receptores.

O mesmo Gracián é objeto do estudo de Lucas Pugliesi, mas não apenas como teórico. Em *O conceito de proporção em **El Criticón** de Gracián*, a primazia do engenho como aquele que adequadamente proporciona, ou seja, arranja e organiza de forma compreensível, o discurso e a natureza, é amplamente demonstrado, em um jogo de teoria e prática que envolve não só sua famosa obra teórica, mas também um texto ficcional do próprio Gracián.

Deixamos a Espanha com *Introdução à **comedia nueva** de Lope de Vega*, onde Gabriel Furine Contatori situa o gênero em questão em seu tempo de produção e recepção, evidenciando “como suas convenções poético-retóricas, sua mimese e sua finalidade poética dialogam com as discussões levantadas em fins do século XVI e na primeira metade do XVII” acerca da comédia. Assim, o autor mostra como a sistematização de um gênero misto por Lope, em que se encontra a imitação de caracteres bons e maus, com a finalidade de introduzir *exempla*, é mais proficuamente entendida com base nas discussões de fundo retórico-poéticas e teológico-políticas de seu tempo, do que com as noções anacrônicas de “originalidade” e/ou “genialidade” tradicionalmente atribuídas ao teatro do espanhol.

Em seguida, fazemos uma breve visita à Inglaterra em dois textos sobre seus maiores clássicos: Shakespeare e Milton. Em *Ornamentar a Oratória: A educação retórica de Shakespeare e A Violação de Lucrecia*, Leonardo Augusto de Freitas Afonso não apenas demonstra a vigência de princípios da instituição retórica na composição do poema, como também introduz a hipótese de que haveria inclusive uma espécie de celebração da própria formação retórica escolar do autor. Já em *A construção do caráter de Cristo em **Paradise Regained***, Fernanda Teixeira Bragança e Leni Ribeiro Leite buscam demonstrar como o caráter de Cristo, herói de **Paradise regained**, é construído por John Milton através de mecanismos da retórica clássica na chave do gênero epidítico, e de mecanismos da poética clássica, típicos da epopeia bélica. Assim, temos uma perfeita adequação quanto ao decoro vigente no regime discursivo da Primeira Modernidade, adequando-se os elementos clássicos à poesia escritural.

Retornando a Portugal, Matheus de Brito volta-se para seu mais reconhecido e estudado poeta, Luís de Camões, a fim de dar uma contribuição indubitavelmente relevante: um estudo sobre os processos pelos quais a imitação geralmente se dava na poesia do Quinhentos. Brito destaca então a emulação de modelos textuais, a citação e a alusão e o recurso aos lugares-comuns como três categorias recorrentes nas práticas letradas do período. O autor, por fim,

destaca como a análise desses processos poético-retóricos pode ser mais profícua para o estudo dessas letras, do que as sempre polêmicas e espinhosas questões de autoria da poesia atribuída a Camões.

A *cinégetica suína na poesia ibérica seiscentista*, de Leonardo Zuccaro, é possivelmente a contribuição mais surpreendente da coleção que apresentamos. Afinal, o tema da caça do javali pode nos parecer distante de discussões acerca da produção poética e letrada. No entanto, o autor demonstra com clareza o imbricamento entre práticas de sociabilidade cortesã e lugares comuns da poesia do século XVII, muitas vezes inserindo o javali ou alusões à caça em episódios tradicionais em que tal cena não existia, ou se apropriando de um episódio semelhante para propagar o louvor da personagem em cena.

Com *Oralidade e retórica: a presença da voz na poesia atribuída a Gregório de Matos*, fazemos nossa última parada na América Portuguesa. Atenta às formas assumidas pelas práticas letradas do século XVII neste recorte geográfico, Patrícia Bastos explora alguns exemplos da lírica amorosa de Gregório para defender que a produção do poeta se pauta por técnicas retóricas compartilhadas, o que significa serem seus usos determinados pela recepção do público e pelo “olho do juízo”, isto é, pelos valores da época, “já que o sentido do que é virtuoso ou vicioso, belo ou feio, bom ou mau varia” conforme os grupos sociais no seu entorno.

Adentrando o século XVIII, em *Outra Marília*, Jean Pierre Chauvin aproxima as “Marílias” de Tomás Antônio Gonzaga e Correia Garção – sendo a do segundo anterior, inclusive, à do primeiro, e tendo possivelmente lhe servido de modelo. Assim, afastando as teorias biografistas que procuram encontrar as mulheres reais por detrás do pseudônimo, Chauvin destaca os lugares-comuns da poesia amorosa da tradição e afirma que “há que se interpretar os retratos de Marília não como mera transposição das mulheres que os teriam inspirado, mas como construção poética”. Por fim, como conclui o autor, “tanto Marília quanto o enunciador dos versos são entidades concebidas pelo poeta, homem letrado que conhece retórica e poesia”.

Caio Esteves de Souza, já conhecido pesquisador da obra de Alvarenga Peixoto, apresenta através de seu artigo uma meticulosa descrição e comparação dos Retratos poéticos de Alvarenga Peixoto, dos quais seis só foram dados a conhecer ao público na última década, e não têm recepção crítica publicada. Como produções convencionais, aptas aos critérios da produção letrada de seu tempo, os retratos poéticos de Alvarenga Peixoto são lidos em conjunto na contribuição de Souza, partilhando os mesmos princípios poético-retóricos, mas, ao mesmo tempo, assinalando variedade na combinação dos lugares-comuns.

Nossa última contribuição é uma obra já de fins do século XVIII, quando o regime discursivo se modificava radicalmente. **Caramuru**, como obra épica que atende tanto aos preceitos do gênero oriundos da Antiguidade, como às preceptivas e expectativas da Primeira Modernidade, é o tema do artigo de Vitor Vogas. Ao trazer os elementos da teoria poética antiga em paralelo às comparações com o fazer épico de outros autores primeiro-modernos, em especial no que concerne à figuração do herói, o autor se afasta de uma leitura romântica, interessada em ver uma brasilidade incipiente em um poema que busca se equiparar a outras epopeias bélicas suas predecessoras.

Acreditamos que a variedade de temas e autores apresentada aqui, bem como a qualidade das contribuições, são capazes de mostrar que, contrariamente ao que se possa pensar, há muito ainda o que se falar sobre os “clássicos”, bem como ainda há muitas “novidades antigas” a se descobrir. Esperamos que o leitor concorde conosco.

Os organizadores.